



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
L.º de Baixa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tathaba-Lisboa — Telefone 5338 O.
Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A CÂMARA ANTE A CARRIS

Com o mesmo espírito de justiça com que temos, em mais duma circunstância, atacado a actual vereação municipal pelas suas transigências perante entidades com que tem estado em contacto, regista hoje *A Batalha* a atitude correcta dessa mesma vereação em face do pedido de aumento de tarifas apresentado pela direcção da Companhia Carris do Ferro. Dissemos ontem, dando uma rápida notícia do que se passara na sessão na véspera realizada na Câmara Municipal, que publicaríamos hoje o parecer apresentado pelo vereador sr. José dos Santos, que é, na verdade, um documento sensato. Mau grado nosso, não podemos reproduzi-lo na íntegra, porque, por não ser tão extenso, não o fizemos, mas damos ao leitor as principais passagens do trabalho que a vereação municipal aprovou por unanimidade, e em presença do qual mais uma vez se verificam os repugnantes ardis de que o monopólio do Santo Amaro habitualmente lança mão para, ludibriando a boa-fé do público, arrancar a este dinheiro, mais dinheiro, sob o falso pretexto de que tem uma vida difícil, o que não corresponde à verdade.

Entre muitas outras coisas curiosas que a Companhia nos oferece na sua papelada, falsa como as suas afirmações de próxima ruína, aparece um mapa, como adjunto se refere, uma verba de 70.000\$000 — uma bagatela... sob a singular rubrica de *Dedicações à Companhia, gratificações, etc.*, verba essa de onde devem ter saído os dinheiros com que a *pobresita* tem comprado vários jornais burgueses que tem feito a defesa das suas transigências e que ainda neste momento estão fazendo o seu jogo, e quando esses dinheiros não tem sido para pagar os artigos publicados pelos mesmos jornais, tem servido a comprar-lhes o silêncio, silêncio em certas circunstâncias pago também a peso de ouro.

E é uma Companhia que proclama estar na ruína que paga as tais *dedicações* de 70.000\$000! Se outros factos não houvessem para provar que tudo quanto parte das alforjas do Santo Amaro é suspeito, bastaria aquele a demonstrar que a população de Lisboa tem que estar em guarda contra semelhantes vampiros, que muito tendo explorado a mesma população, muito mais a pretendem explorar.

Fixem, porém, os leitores os seguintes períodos do parecer da vereação municipal, que são bem expressivos:

Bastaria esta razão para nos impor o parecer de não autorizar o aumento de tarifas nesta data. Mas a Companhia tem gasto largamente com publicações pretendendo convencer o público de que está perdendo dinheiro. Fizeram mesmo o giro da imprensa frases soltas de um relatório oficial que nos apresenta a Companhia como falida, pelo facto de não chegar o dinheiro cobrado nos carros da mesma Companhia para a manutenção dos seus encargos; por esse motivo julgamos obrigados a fundamentar noutra ordem de razões o nosso parecer.

Baseando-se no relatório oficial, que acima fazemos referência, e aproveitando a circunstância do aumento de tarifas nesta data, a Companhia tem gasto largamente com publicações pretendendo convencer o público de que está perdendo dinheiro. Fizeram mesmo o giro da imprensa frases soltas de um relatório oficial que nos apresenta a Companhia como falida, pelo facto de não chegar o dinheiro cobrado nos carros da mesma Companhia para a manutenção dos seus encargos; por esse motivo julgamos obrigados a fundamentar noutra ordem de razões o nosso parecer.

O primeiro é que já em Dezembro o aumento tinha chegado a 5 e três oitavos e o segundo é que o relatório oficial se baseia num exame feito numa época em que a Companhia estava cobrando tarifas muito inferiores às actuais e estava pagando já ao pessoal os ordenados que actualmente paga.

Pelo último acordo aprovado em Novembro a Companhia teve um novo aumento, embora ligeiro, nos bilhetes ordinários e um bom aumento nas assinaturas, e conseguiu uma redução de zonas que, nalgumas carreiras, representa um bom aumento.

Pelo mapa n.º 4 a Câmara vê qual tem sido a receita e a despesa geral da Companhia desde 1912, inclusive.

Mostra-nos este mapa que no ano de 1920, a Companhia teve um prejuízo de 2.769.400\$00, mas para esse prejuízo ser avaliado pelo que vale é necessário ter em atenção que o carvão nos apparece neste ano com uma verba cerca de

NOTAS & COMENTÁRIOS

A lei

A propaganda anti-alcoólica é inocente. Não necessita de violência, nem os abstinentes espancam os *amarelos*, isto é, os *borrachos*. A propaganda anti-alcoólica desenvolveu-se extraordinariamente há um ano a esta parte, lembrando a velha história da bola de neve. Essa bola de neve — em sentido figurado, está bem de ver — foi Eliezer Kamenetzki. Eliezer desembarcou em Lisboa, o ano passado, deslumbrando os lisboetas com as suas vestes brancas, impecavelmente brancas, como neve sem mácula, e começou a *rolar*, que é como quem diz, começou a fazer a sua propaganda naturista, atacando, principalmente, o vício de beber. Tanto *rolou* — ou melhor — tanto discursou, que outros Eliezer começaram a aparecer, uma associação de carácter operário se formou. Um dos Eliezer que mais se evidenciou chama-se Leão e usa uma cabeleira forte e comprida como a juba dum leão, como o cabelo do russo Eliezer Kamenetzki. Esse rapaz não limitou a fazer a sua propaganda nas associações, sob tecto. Resolveu deixar a telha — que é, afinal, uma resolução de justiça — e fazer ao ar livre, o combate ao álcool. Leão de Castro veio para a praça pública pregar à multidão e a multidão gostou de o ouvir. Ainda ontem tivemos o prazer de apreciar esse facto. No largo de S. Domingos, junto da banca dum charlatão que vende elixires e do cavalete dum pintor *de la minute* que impingue quadros feitos por receita, Leão de Castro, sobre um banco, discursou. Aparte uns dois bêbedos incorrigíveis, todos os circunstantes acclamavam a *utrina*. O pintor e o charlatão tinham assistência diminuta. O primeiro, entretido a juntar amarelos, verdes e azues para formar reflexos de luar, no occaso, parecia não reparar nos resumos admiradores. Porém, o dos elixires para o cabelo, não estava contente com tanta pouca freguesia e agitou a campainha interrompendo a palestra de Leão de Castro, que, com vivos aplausos da assistência, transferiu o polso; foi para o lado oposto da praça, deixando ao abandono o pintor e o outro. — E a propaganda anti-alcoólica continuou.

Porém, após um quarto de hora de discurso — quando os ouvintes, escassavam os olhos ante as terríveis inflamações do intestino grosso, produzidas pelas bebidas fortes e reproduzidas numa estampa colorida que Leão mostrava, indignado — a polícia meteu beldêho. A polícia, que se mete em tudo, como políbio por costura, não admira que se mete também pelo intestino grosso. De cada um. Exigiu o guarda, que por sinal fumava charuto, a licença da Câmara ao propagandista e este, não a possuía. Então tem que terminar o seu discurso, disse o representante da lei. «Mas isto não faz mal a ninguém», murmurou o naturista. «Não pode estar a impedir o trânsito», interrompeu o guarda. E a palestra teve que terminar.

Daqui se conclui: ou a lei é um entrave ao progresso humano, e Leão de Castro é uma vítima com carreadas de razão, ou Leão de Castro, ao revoltar-se contra o álcool, deseja o mal da humanidade, e a lei nesse caso é a melhor garantia da liberdade e felicidade humanas.

Sobre queda... trambolhão

O caso dos mutilados indignos grejos e troianos. São indigno o ministério e o Sr. Bernardino, amável, carinhoso e bom, achou que o futuro de indivíduos sem pernas, sem braços e sem fortuna, se tornaria risonho com uma pensão de dezasseis e meio por dia!... Não esperavam os governantes que o seu *altruismo* tal mal recebido fosse pela opinião pública. E quiseram apagar a nódoa de cebo que imprudentemente deixaram cair sobre a república. Puseram-se a apagar, a raspar. Mas quanto mais rasparam, mais a nódoa avoluma, tomando formas diversas. Primeiramente tinha o feitiço de 335 dias para alimentação, agora tomou a forma do hospital de Runa. Que surpresas nos apresentará o dia de hoje?

Foi logo assinada pelos seguintes grevistas do pessoal do *Século*, que se encontravam presentes, a seguinte declaração, que se encontra por o mesmo eleito em poder do tesoureiro da comissão executiva:

Nos componentes do pessoal do *Século*, editores da manhã e da noite, e pessoal de máquinas, declaramos não concordar com o procedimento incorrecto daqueles que resolveram ingressar nas oficinas. — (F. Carlos Cunha, tipógrafo; Francisco dos Santos Júnior, tipógrafo; Alvaro dos Santos, impressor; José Leitão da Cunha, tipógrafo; António Ramos, esteleiro).

Foi, por vários delegados da comissão executiva, informada a assembleia de que os medianeiros nomeados pelo governo prosseguem nos seus trabalhos, aguardando-se para breve o resultado da sua intervenção.

O camarada Oliveira Barroca, que como enviado especial de *A Batalha* acompanhara a linha os ferroviários libertados, transmitiu à assembleia as demonstrações de apreço que através da linha foram feitas aos trabalhadores dos jornais em greve, entendendo que os camaradas reunidos devem significar o seu reconhecimento para com aqueles ferroviários e os delegados dos organismos operários que os acompanharam, palavras a que se associa toda a assembleia.

Usam depois da palavra o camarada Carlos de Araújo, secretário geral da U. O., que diz que tem tanto de nobilitante o procedimento do pessoal gráfico do *Diário de Notícias* como de condescendência o do *Século*, produzindo outras considerações que a assembleia sancionou como uma salva de palmas.

A BATALHA vende-se em Abbeville.

A GREVE

Trabalhadores dos jornais

A assembleia de ontem

Com grande concorrência de grevistas, reuniu ontem, na Associação dos Caixeiros, a assembleia magna dos trabalhadores dos jornais em greve. Alexandre Vieira, que presidia, em nome da comissão executiva, expôs a situação da greve, anunciando que a comissão de melhoramentos do quadro tipográfico do *Século* o informara, na véspera, de que o pessoal gráfico do mesmo jornal aceitara a percentagem de 35 %, que lhe fora proposta pela respectiva empresa, motivo porque estava na disposição de retomar o trabalho, embora tivesse acordado também em regressar ao trabalho só quando o fizesse o pessoal do *Diário de Notícias*. Concluiu que a comissão executiva concedia semelhante atitude do pessoal do *Século*, que não corresponde aos compromissos que tomara não só perante a comissão executiva, mas igualmente nas assembleias, dando-se para mais a circunstância de parte desse pessoal não concordar com tal procedimento. Depois disso o seguinte documento do pessoal do *Diário de Notícias*, que pouco antes reunira, à face do qual se demonstrava a correcção dos referidos camaradas, procedimento diametralmente oposto ao dos seus colegas daquele jornal:

DECLARAÇÃO

Os quadros tipográficos do *Diário de Notícias* e demais pessoal em greve, identificados sobre os intuitos das empresas jornalísticas, que mais uma vez procuram por todas as formas de violência e de desorientar-nos, como o provam as *démarches* feitas junto de alguns membros dos mesmos quadros, *démarches* que não surtiram efeito, o que infelizmente parece não suceder com o pessoal gráfico do *Século*, declaramos, sob sua honra, manter como linha de conduta, a resposta que aos emissários da empresa foi dada por colegas nossos, resposta que traduz a disposição de continuarmos trilhando a estrada da honra e da dignidade, visto que, como em várias ocasiões temos afirmado, só entraremos nas oficinas quando a comissão executiva o determinar e julgar oportuno.

Sala da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa, 26 de Abril de 1921.

Rui de Macedo, Jacinto Lobo, João Ribeiro, Artur Silva, Camilo de Carvalho, José Joaquim Pinheiro, António Carlos, Santos, Joaquim Clemente, Sousa, Henrique Silva, Álvaro Nobrega, Armando Augusto, Carlos Rodrigues, Gustavo Costa, Augusto Cesar Supico, Armando Marques, Luis Marques, Luis da Fonseca, Guilherme E. Santo, Carlos Pinto dos Santos, Victor Carlos da Silva, João Rodrigues, Domingos Ribeiro dos Santos, José Duarte, Serrão Dias, Sousa Gomes, António Ribeiro Santos, (2.º) Alberto N.º 1, Henrique, Guilherme, Ricardo Porto, Reguilo Eugénio, José Sabino Langa, Agostinho Vaz, Verissimo Ferreira, José Garcez, Carlos Martins, Gonzaga Pereira, João Ferreira, José de Almeida, Campos Lima, Eduardo de Sousa, Raúl Dias, Santos Júnior e Luciano Rosa, que apresentaram o seguinte documento que foi aprovado:

Após a leitura deste honroso documento, fazem uso da palavra os camaradas Raúl Silva, Luterio de Moraes, João de Almeida, Campos Lima, Eduardo de Sousa, Raúl Dias, Santos Júnior e Luciano Rosa, que apresentaram o seguinte documento que foi aprovado:

Os trabalhadores dos jornais em greve, reunidos em assembleia magna, tomando conhecimento do procedimento do pessoal gráfico das duas edições do *Século*, incluído o pessoal de máquinas, resolveram considerar traidores ao movimento todo aquele pessoal, salvo os seus componentes que, no prazo de 48 horas, declaram perante a comissão executiva repudiar tal procedimento.

Foi logo assinada pelos seguintes grevistas do pessoal do *Século*, que se encontravam presentes, a seguinte declaração, que se encontra por o mesmo eleito em poder do tesoureiro da comissão executiva:

Nos componentes do pessoal do *Século*, editores da manhã e da noite, e pessoal de máquinas, declaramos não concordar com o procedimento incorrecto daqueles que resolveram ingressar nas oficinas. — (F. Carlos Cunha, tipógrafo; Francisco dos Santos Júnior, tipógrafo; Alvaro dos Santos, impressor; José Leitão da Cunha, tipógrafo; António Ramos, esteleiro).

Foi, por vários delegados da comissão executiva, informada a assembleia de que os medianeiros nomeados pelo governo prosseguem nos seus trabalhos, aguardando-se para breve o resultado da sua intervenção.

O camarada Oliveira Barroca, que como enviado especial de *A Batalha* acompanhara a linha os ferroviários libertados, transmitiu à assembleia as demonstrações de apreço que através da linha foram feitas aos trabalhadores dos jornais em greve, entendendo que os camaradas reunidos devem significar o seu reconhecimento para com aqueles ferroviários e os delegados dos organismos operários que os acompanharam, palavras a que se associa toda a assembleia.

Usam depois da palavra o camarada Carlos de Araújo, secretário geral da U. O., que diz que tem tanto de nobilitante o procedimento do pessoal gráfico do *Diário de Notícias* como de condescendência o do *Século*, produzindo outras considerações que a assembleia sancionou como uma salva de palmas.

As bombas no Porto

Importante descoberta da P. S. E. — O «retrato» dum pretendido «bomista» — O fiasco ::::

PORTO, 25. — C. — *Eureka! Eureka!* — dirá a P. S. E., toda radiante, toda contente, como o sircusano e imortal Arquimedes nas suas descobertas científicas. De facto, o achado que a P. S. E. acaba de efectuar, com respeito ao caso das bombas, é de moide a patenear pública satisfação, pois fica-se sabendo, dum modo claro, positivo, mais positivamente ainda do que o positivismo de Comte, que os acontecimentos de 21 são obra dum vasto complot, com entendimentos e cumplicidade dos agitadores do sul do país.

Os documentos apreendidos, importantes, afirma a P. S. E. e a imprensa de ontem, demonstram uma correspondência activa mantida entre os revolucionários sindicalistas desta cidade e os revolucionários sindicalistas daí. Uma descoberta, como vêem, idêntica à feita por ocasião das prisões daqueles camaradas que distribuíram os manifestos *«O que é a vida»*, e que se fundamentou no facto de ser sido apreendida uma lista com nome de jornais e direcções, para permutas, levando a polícia a supor que se tratava de ramificações de complot estrangeiros. Agora o caso não é menos interessante. Como disse, foi apreendido o copião do Sindicato Unico da C. Civil; ora no copião, como toda a gente deve saber, estão estampadas cópias de cartas e ofícios enviados, por aquela colectividade, para diversos organismos operários do Sul, tais como Federação, Sindicato U. C. Civil de Lisboa, naturalmente C. G. T., etc., cujos escritos tem os nomes dos secretários gerais desses organismos, como é de uso e costume. O mesmo fazem as colectividades oficiais e bacalhoeiras. A Junta Geral do Distrito há de muitas vezes corresponder-se com a Junta Geral do Distrito de Lisboa ou Braga, como as Associações Comerciais desta cidade, da capital, de Setúbal e Viana, se hão-de ter correspondido várias vezes.

Mas a P. S. E., que ficou confundiada com o caso de haver troca de documentos oficiais entre o S. U. C. C. P. e outras associações operárias do sul, viu nesse fenómeno um abuso de liberdade, uma manifestação de mistério, e zass! participou aos jornais que nas buscas a que procedeu encontrou documentos a que liga grande importância, entre eles correspondência trocada entre agitadores do sul e desta cidade. Ora está tudo deslindado e dum maneira irrefutabilíssima, sendo para admirar como os diábolos dos revolucionários sindicalistas foram tam imprevidentes, indo escarrapachar no copião documentos tam comprometedores ou tendo no bolso, tam à vista, cartas de camaradas que falam de interesses de organização!

Averiguadas assim as coisas, pensou-se em ilustrar as notícias rebuscadas, e assim, a P. S. E. enviou para o *Primeiro de Janeiro* um retrato para publicação na sua notícia *Os atentados dinamistas*, sendo colocado por baixo da gravura o nome do preso de Sousa Ramos, que ficaria por esta forma conhecido do público curioso como *celebre bomista!*

A espezteira, porém, saiu muito alvora: com a pressa com que a P. S. E. procura fazer servir e dar retumbância às suas habilidades geniais, denunciando-se dum fimura inexcusável, incomparavelmente superior à dos seus colegas da estranha, não reparou que o retrato não é do preso David de Sousa. E certo que isso não obsta. Aquela fotografia foi encontrada no bolso da gravura e enclausurado; logo, portanto, deve ser a reprodução impressa da sua effigie, do seu semblante *patibular*, que deve ser tornado conhecido do mundo de hoje, para que seja execrado! Este foi o raciocínio imediato da P. S. E. Não se sei se reparou no fiasco, pois o retrato — que era dos pequenos, próprios para bilhetes de identidade, sendo, portanto, ampliado para sair no jornal — é dum amigo do preso e não deste.

Eis como se faz a *história* dos acontecimentos e eis como se procura conseguir vítimas à falta de tino e de clareza para ver onde estão os autores verdadeiros das bombas...

São estas as importantes diligências da P. S. E., sobre as quais guarda a mais absoluta reserva...

Entretanto, os presos continuam, caprichosamente, no Aljube... até ver. Dizem-me que David de Sousa, ao contrário do que se afirma, não fora nomeado para fazer parte de comissão alguma a fim de ir intimar e ameaçar os operários que trabalhavam horas suplementares.

Os protestos da organização operária

A direcção da Associação dos Caixeiros de Lisboa convia todos os colegas, filiados ou não, a comparecerem hoje, pelas 21 horas, na sua sede, Rua António Maria Cardoso, 20, na sessão magna que se realiza a fim de apreciar uma circular da União dos Sindicatos Operários, referente à greve dos trabalhadores de jornais.

A solidariedade da classe operária

A direcção da Associação dos Manufactores de Calçado, em sua recente reunião, deliberou contribuir com a quantia de 10\$000 a favor dos trabalhadores dos jornais em greve, quantia que entregou ao tesoureiro da comissão executiva.

O pessoal da Imprensa Nacional tem contribuído a favor dos grevistas, até esta data, com a quantia de 439\$90, proveniente de quotas abonsamente naquele estabelecimento do Estado.

O 1.º DE MAIO

Deve revestir grandiosidade o protesto proletário, que se realizará em todo o mundo

Tudo leva a crer que as manifestações proletárias que se vão realizar no dia 1.º de Maio hão de revestir uma certa grandiosidade.

Como ontem anunciámos, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa promove, no Parque Eduardo VII, um comício ao qual a classe operária deve ocorrer em massa.

Nesse comício usará da palavra além dum delegado da U. S. O., delegados das Federações de Indústria assim como dum delegado da C. G. T.

Em inúmeras localidades da província, realizar-se-ão sessões de protesto, porquanto, ao contrário do que a burguesia pretende, o 1.º de Maio é o dia em que todos os trabalhadores se deitam juntos para comemorando a morte dos mártires de Chicago, vítimas das perseguições burguesas, erguer o mais alto protesto contra a casta desmoralizada que ainda predomina.

No Alto do Pina

Realiza-se hoje, pelas 20 e meia horas, na Secção do Alto do Pina do Sindicato Unico da Construção Civil uma sessão de propaganda, preparatória do comício 1.º de Maio, nela devendo fazer uso da palavra vários oradores do movimento operário com a comp. parên. cia de delegados da comissão de melhoramentos.

Na provincia

Em Viana-do-Castelo

VIANA-DO-CASTELO, 25. — P. — As classes da construção civil, na reunião de recepção há dias efectuada, resolveram o encargo de comemorar o 1.º de Maio nesta cidade, realizando um comício público e uma sessão solene, tendo sido feito convite a um camarada do Porto para tomar parte nestas manifestações.

Seria bom que as restantes classes, que para isso vão colaborar, colaborassem nas comemorações a fazer.

Em Famalicão

FAMALICÃO, 25. — O Sindicato Unico da Construção Civil projecta realizar no 1.º de Maio uma sessão solene, pelas 10 horas, na sua sede, e pelas 14 horas os operários sairão incorporados com a bandeira do Sindicato para o cemitério onde depositaram de flores sobre as campas das camaradas falecidas, a guisa depois para o local destinado ao comício, no qual farão uso da palavra vários operários, juntamente com um delegado da Federação da Construção Civil, para esse fim a esta organização pedida.

O 1.º de Maio, nesta localidade, não passará despercebido, devido aos esforços de um núcleo de conscientes camaradas, que alicadamente trabalham pelo grande ideal emancipatório.

As tarifas dos ascensores

Também foi pedida autorização para elas serem aumentadas de 100 %

A Nova Companhia dos Ascensores Mecânicos também pediu à Câmara autorização para aumentar as tarifas dos seus carros de 100 % e fixar o preço dos bilhetes semestrais de assinatura em 90\$00. O pedido foi feito no dia 5 deste mês de forma que a resolução da Câmara deverá ser feita antes do dia 5 do próximo mês, sendo provável que o seja já na sessão de hoje.

O vereador sr. José dos Santos nem na qualidade de relator da comissão de viação, deve apresentar o respectivo parecer, que, como nos consta, deve ser no mesmo sentido do dado quanto aos eléctricos, isto é que o pedido seja indeferido.

EM ESPANHA

Contra os «somatenes»

BARCELONA, 26. — Dois indivíduos lançaram um automóvel, fazendo-se conduzir para fora da cidade. Chegando a um sítio ermo, lançaram-se ao chaufeur, agredindo-o violentamente, tendo ficado muito ferido, e arrombaram-no para fora do carro. Depois, conduziram-no no automóvel para a Calle de Aragón, colocando-o de maneira a impedir o desfile do cortejo que celebrava a festa dos somatenes. Lançaram fogo ao depósito de gasolina do automóvel pondo-se em fuga. Depois de apagado o fogo, encontraram-se no interior do automóvel duas bombas de grandes dimensões. — Rádio.

União dos Sindicatos Operários

Conselho de delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados a este organismo. Necessária se torna a comparencia de todos os delegados, onde, entre outros assuntos importantes a resolver, se tratará também do movimento dos trabalhadores dos jornais.

A liberdade do comércio

Como é apreciada pelo Grupo Republicano 5 de Outubro

Reúnem-se o Grupo Republicano Anticlerical 5 de Outubro, a fim de tratar da continuação dos trabalhos da sessão anterior.

Concedida a palavra ao sr. Celestino de Vasconcelos, levantou um energico protesto a propósito da entrevista com o dr. Bernardino Machado a respeito da liberdade do comércio publico, no *Diário de Notícias*, considera prejudicial ao país a politica economica do presidente do ministério, por quem tem a mais elevada estima e consideração. Na sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais desprotegidas, como o fizeram no governo António Granjo. A república encontra-se, inteiramente, neste momento aliada ao clero e à nobreza, graças ao dr. Bernardino Machado, depois da decretada liberdade de comércio. A sua opinião entende que a república não deve viver só com as chamadas *forças vivas*, mas também com o povo, porque é ele quem a mantém e defende. Não concordando com a liberdade de comércio como nunca concordou com a liberdade concedida aos cabecinhas de rebelião monárquica do Monsanto e do Porto. O presidente do governo não deve conceder a liberdade aos assambradores, para que eles não explorem as classes mais des

